

**CORPORALIDADE, TRAUMA E FEMININO NA LÍRICA CONTEMPORÂNEA:
análise de cinco poemas de Maíra Ferreira (2024)**

**CORPORALITY, TRAUMA, AND THE FEMININE IN CONTEMPORARY LYRIC
POETRY:**

analysis of five poems by Maíra Ferreira (2024)

Ariel Montes Lima ¹

RESUMO

O presente ensaio analisa cinco poemas de Maíra Ferreira publicados em 2024, na *Revista Cassandra*, com ênfase nas relações entre corpo, trauma e feminino na lírica contemporânea. Parte-se de uma abordagem fenomenológica da leitura poética, na qual se observam tanto os temas quanto os procedimentos estéticos adotados pela autora. A pesquisa considera o corpo feminino como território simbólico de inscrição da dor, da memória e da exclusão, explorando como a linguagem fragmentada, as imagens sensíveis e os gestos poéticos constroem uma denúncia do trauma e da opressão de gênero. Em poemas como *meus hobbies incluem*, *convite* e *há muitas formas de dizer as coisas*, destacam-se recursos como a elipse, o fluxo de consciência e as alegorias para figurar o esvaziamento da linguagem e a reconfiguração do pertencimento feminino. A partir de contribuições teóricas de Freud, Winnicott, Berman, Lima e Marçal, discute-se como a poética de Ferreira articula uma resistência estética e política em tempos de retração dos direitos e silenciamento das vozes femininas. A corporalidade, nesse contexto, não é apenas tema, mas estrutura da enunciação e da memória.

Palavras-chave: Maíra Ferreira; Lírica contemporânea; Corpo feminino; Trauma; Literatura e gênero; Memória; Resistência poética.

ABSTRACT

This essay analyzes five poems by Maíra Ferreira published in 2024 in *Revista Cassandra*, with emphasis on the relationships between body, trauma, and the feminine in contemporary lyric poetry. The study adopts a phenomenological approach to poetic reading, observing both the themes and the aesthetic procedures employed by the author. The research considers the female body as a symbolic territory for the inscription of pain, memory, and exclusion, exploring how fragmented language, sensitive imagery, and poetic gestures construct a denunciation of trauma and gender oppression. In poems such as "meus hobbies incluem" ("my hobbies include"), "convite" ("invitation"), and "há muitas formas de dizer as coisas" ("there are many ways to say things"), resources such as ellipsis, stream of consciousness, and allegories are highlighted to portray the depletion of language and the reconfiguration of female belonging. Drawing on theoretical contributions from Freud, Winnicott, Berman, Lima, and Marçal, the article discusses how Ferreira's poetics articulate an aesthetic and political resistance in times of shrinking rights and silencing of female voices. In this context, corporality is not only a theme but also a structure of enunciation and memory.

¹ Graduada em Letras (UFMT), História (Unyleya), mestre em Estudos de Linguagem (PPGEL-UFMT) e Doutorado em Andamento em Estudos de Linguagem (PPGEL-UFMT). E-mail: gabrielfelipe0308@gmail.com

Keywords: Maíra Ferreira; Contemporary lyric poetry; Female body; Trauma; Literature and gender; Memory; Poetic resistance.

1.INTRODUÇÃO

Ao longo de meus mais recentes trabalhos, tenho me dedicado à análise da literatura feminina contemporânea, entendendo tal movimento como um dever ético na pesquisa literária, afinal, infelizmente,

de um modo geral, a escrita realizada por mulheres ocupou um lugar marginal na história da literatura. Quanto mais retroagimos na história da literatura ocidental, mais rarefeitos esses registros. Poucos nomes femininos aparecem no cânone literário. A razão para tal fenômeno parece residir no modo como as estruturas sociais determinam, hierarquizam e dividem as práticas culturais (Mcauchar, 2017, p. 29-30).

Desse modo, o presente ensaio se insere dentro de um conjunto de trabalhos mais ou menos alinhados no que toca o eixo temático; a saber: as relações entre memória, trauma e feminino(s) na literatura contemporânea. Este trabalho, especificamente, pretende analisar cinco poemas de autoria de Maíra Ferreira publicados em 2024 na *Revista Cassandra*.

Ressalto que o campo dos estudos literários prescinde da perspectiva cartesiana de análise, tendo sido, portanto, tal pesquisa realizada a partir de uma leitura guiada pelos elementos do próprio texto. Aproximo-me, então, de uma espécie de fenomenologia da poética, em que o poema é lido a partir de duas esferas concêntricas: 1) temáticas abordadas e 2) procedimentos estéticos de abordagem.

2.DESENVOLVIMENTO

A autora dos textos aqui analisados, Maíra Ferreira, nasceu em 1990, no Rio de Janeiro. É graduada em Letras e mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Publicou dois livros de poesia: *A primeira morte* (Oficina Raquel, 2014) e *Esses dias que estamos vivendo há anos* (Urutau, 2019). Sua produção já integrou diversas revistas, portais e antologias. Além de escritora, Maíra atua como ilustradora, colagista, revisora e é doutoranda em Literatura Comparada. Mantém ainda uma *newsletter* semanal, na qual compartilha crônicas e textos sobre processo criativo (Ferreira, 2024, grifos da autora).

Ademais, os poemas que compõem meu *corpus* de análise foram extraídos da *Revista Cassandra*. Tal periódico, por sua vez,

[...] surgiu [com] a ideia de reunir mulheres artistas de diversos lugares e com diversas vozes para promover as artes e a literatura feitas por, de e para mulheres. A sacerdotisa grega assombrada por suas premonições foi o mote para esse projeto, porque toda mulher vive de antecipações. Precisamos estar três passos à frente para conseguirmos chegar ao mesmo lugar. Precisamos antecipar todos os riscos inerentes à nossa condição de mulheres. Precisamos antecipar todos os erros para evitá-los, porque para nós todo erro é uma última chance. [...] Desejamos ser resistência a tempos obscuros, em que tantos esforços para a igualdade e a promoção da diversidade estão sendo contestados, tantos direitos estão sendo retirados. Em tempos como esses, em que a arte é vista como inimiga e nós, mulheres, vemos nossos direitos ameaçados, toda voz é uma resistência. Toda mulher é um grito. Cassandra é um grito (Revista Cassandra, 2021).

À continuação, reproduzo o primeiro texto. Optei por não inserir alterações de qualquer ordem no texto.

meus hobbies incluem

enumerar os desconfortáveis desabamentos
do meu corpo
fechar os olhos para a minha
elasticidade
vestir no rosto uma
resignação azul-cobalto
saber que os ventos sempre
sopram para o seu lado
e as minhas mãos
sim
as minhas mãos
é que vão terminar geladas

Neste poema, a estrutura fragmentada dos versos revela uma construção estética marcada pela contenção e pela elipse. Há um uso proeminente de versos curtos, sem pontuação, em cuja estrutura o título se une ao corpo do texto como primeiro de seus versos. A presença de anáforas (como “as minhas mãos / sim / as minhas mãos”) estabelece, ainda, uma cadência melancólica que reforça o tom de resignação e desalento.

Ademais, a corporalidade, assume lugar central. O corpo, destarte, torna-se lugar de desabamento, tanto físico quanto simbólico, expressão de um desgaste psíquico que se inscreve no sensível. Expressões como: “fechar os olhos”, “vestir no rosto” e “as minhas mãos/ é que vão terminar geladas” relacionam, metonimicamente, as atitudes (fruto de coerção, provavelmente) da eu-lírica de renunciar a si e silenciar suas vontades, ao mesmo tempo em que o fatalismo ironiza a vacuidade de toda a experiência.

A metáfora da “resignação azul-cobalto” articula uma paleta emocional que mescla frieza e profundidade, reiterada no verso final em que as mãos “vão terminar geladas” –

imagem que metaforiza não apenas o isolamento, mas também a insensibilização emocional imposta pelo mundo exterior. O poema, assim, se insere numa linhagem da lírica contemporânea em que o corpo feminino é central na díade sujeito-e-denúncia (Mcauchar, 2017). Desse modo, a experiência da dor se comunica através da linguagem “desmontada” de alegorismos em cuja crueza lexical se revela a violência vivida pelo corpo feminino (Lima, 2024).

convite

esfrego uma palavra na outra
à espera
de outro som
oráculos cintilantes
agora ditam as regras da casa
[rainha de ouros
nove de paus
a estrela]
minhas agonias
molham o chão de taco
enquanto eu te falo
tenho sonhado com cavalos
escuros que me conduzem a
ruas onde não sou
esperada
mas me recebem com festa
mesmo assim

Em “convite”, a poeta tensiona a relação entre palavra e sentido desde o primeiro verso: “esfrego uma palavra na outra / à espera / de outro som” opera uma metalinguagem que revela o trabalho poético como gesto artesanal e tenso. Tal processo ilustra o sentimento de atordoamento do sujeito moderno em face do esvaziamento dos signos explorado por Berman (1987).

O apelo aos oráculos, especialmente o baralho de tarô, expresso entre colchetes, introduz uma dimensão simbólica que, em contraste com a materialidade da cena doméstica (“molham o chão de taco”) – na qual a dor se acumula silenciosamente – forma uma atmosfera onírica. Tal atmosfera, por sua vez, perpassa todo o poema. A imagem dos “cavalos escuros” que conduzem a “ruas onde não sou esperada” evoca o deslocamento afetivo, a dissidência e a surpresa do acolhimento no não-lugar. Nesse sentido, pode-se interpretar tal jogo de semioses como uma manifestação do trauma inconsciente. Isso que, no entendimento de Sigmund Freud, reflete

uma experiência vivida que leva à vida da alma, num curto espaço de tempo, um acréscimo de estímulos tão grande que sua liquidação ou elaboração, pelos meios normais e habituais, fracassa, o que não pode deixar de acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético (Freud, 1916-17, p. 275).

Dessarte, o emprego das alegorias como as “agonias molhando o chão de taco” e os “cavalos negros que a conduzem” pode aludir a uma experiência símile daquela anteriormente referida; desta vez a do sujeito em face da impossibilidade de guiar-se e determinar-se em um mundo de caos e precariedade (Marçal, 2020). Tal postura permite, ainda, a leitura de um trauma mais sutil, preconizado por Donald Winnicott, que entende o trauma como uma ruptura na linha da vida. Trata-se, para ele, de um acontecimento que diz respeito à preservação e continuidade do si mesmo numa relação inter-humana (Fulgencio, 2024, p. 264). Nas palavras do autor, “a ideia de trauma envolve uma consideração de fatores externos; em outras palavras, é pertinente à dependência. O trauma é um fracasso relativo à dependência” (Winnicott, 1989, p. 145).

Além disso, a estrutura livre em fluxo de consciência, com quebras abruptas, permite a justaposição de registros provenientes de múltiplas dimensões, quais os simbólicos (tarô), oníricos (os cavalos) e cotidianos (o chão da casa), constituindo uma poética da travessia entre o íntimo e o arquetípico. Há, ainda, uma crítica sutil à lógica da exclusão, uma vez que a chegada não esperada não impede a celebração – imagem que sugere uma possível reconfiguração das formas de pertencimento.

há muitas formas de dizer as coisas

você precisa anunciar com todas as letras

quando eu era criança
resolvi passar um tempo
falando só aos sussurros
me levaram para terapia
e lá eu expliquei enfim
— falar me dói a garganta
eu prefiro ficar quieta

*você precisa ser aquela que causa uma fissura
na organização das coisas*

pensaram então que eu tinha
um problema na garganta
fizeram exames me levaram a
médicos

estava tudo em perfeito estado
eu era saudável como um
filhote deve ser
e como os filhotes
tinha todo o potencial para emitir os berros mais agudos do mundo
apenas não estava interessada

*como você vai explicar isso?
como se explica uma ausência desse tamanho?*

parei de sussurrar alguns meses depois
movida pelo cansaço de ter que repetir
várias vezes
o que dizia
pois ninguém conseguia
me escutar

*o processo exige paciência algumas palavras demoram
a caber na boca algumas queimam algumas têm gosto de sangue*

tempos depois passei a brincar de
fingir que era estrangeira
falava apenas em idiomas indecifráveis
a graça da brincadeira era quando
ninguém entendia
e eu precisava buscar outras formas
de expressar o que queria
fazendo gestos movendo o corpo
irritando os adultos
que rapidamente se cansavam
de viver de mímicas

*esse silêncio tem o peso
de uma família inteira*

Este longo poema é atravessado por uma narrativa memorialística da infância, tensionada pela incomunicabilidade da dor. Tal movimento é característico do processo de recalçamento, no qual a dor do evento traumático é silenciada com vistas a impedir sua emersão do inconsciente profundo. Para Freud (2004 [1915], p. 179): “O recalque propriamente dito refere-se a representações derivadas do representante recalçado ou ainda àquelas cadeias de pensamentos que, provindo de outros lugares, acabam estabelecendo ligações associativas com esse representante.”

Nesse ínterim, a escolha pelo sussurro, em lugar da fala convencional, é interpretada pela sociedade como patologia, o que acarreta processos de medicalização precoce e vigilância do corpo infantil – especialmente o corpo feminino. O tom confessional é

permeado de ironia e denúncia, e a linguagem adquire, ao longo do texto, uma dimensão performativa: o poema “faz” o que diz ao hesitar, repetir, silenciar.

A estrutura, marcada por ausência de pontuação e pela fluidez dos encadeamentos, reproduz o fluxo contínuo da memória e da fala reprimida. O verso “como se explica uma ausência desse tamanho?” sintetiza a experiência do trauma como falha de tradução.

Do mesmo modo, o emprego de sinestésias como “palavras que queimam”, “têm gosto de sangue”, inscreve o corpo como lugar da linguagem e da dor. A brincadeira de fingir-se estrangeira sugere um gesto político: romper com o idioma imposto, reinventar formas de expressão e resistir às normas sociais da comunicação.

Ao fim e ao cabo, silêncio se revela ainda denso, coletivo, geracional – “tem o peso de uma família inteira” – denunciando o quanto há de estruturante na opressão comunicacional vivida por mulheres.

ritual

toda noite o exercício
de abrir e fechar as mãos
bombear o vazio
e a ficção
debochar dos dias
só então
dormir em paz

Neste poema, a repetição do gesto (“abrir e fechar as mãos”) adquire uma dimensão ritualística, quase terapêutica. A economia de versos e a sobriedade da linguagem evocam o esgotamento emocional, e o movimento corporal é o único capaz de processar o vazio que o poema nomeia.

A imagem de “bombear o vazio / e a ficção” emerge sugerindo que o sujeito lírico lida com a ausência e o sentido como matéria de resistência – a ficção, aqui, é o que resta para não sucumbir ao absurdo dos dias. O tom irônico (“debochar dos dias”) permite vislumbrar um traço de autonomia psíquica diante do colapso.

A métrica livre e o uso deliberado de linhas quebradas ampliam a sensação de descontinuidade temporal e interna, marcando a exaustão como forma de existência.

fronteiras

nas bordas do meu amor
gagueja sempre algum

incômodo
infiltração de água nos pulmões
eu só sei algumas coisas e todas elas
pendem frouxas pela casa
acendo velas
aciono máquinas
arrisco músicas
meus músculos imploram por
um movimento que fuja
do óbvio
mas emaranhada me deito
emaranhada me levanto

aqui não há
nada
que não seja
uma denúncia
contra o meu próprio fim

Neste poema, a repetição do gesto (“abrir e fechar as mãos”) adquire uma dimensão ritualística, quase terapêutica. A economia de versos e a sobriedade da linguagem evocam o esgotamento emocional, e o movimento corporal é o único capaz de processar o vazio que o poema nomeia.

A metáfora de “bombear o vazio / e a ficção” sugere que o sujeito lírico lida com a ausência e o sentido como matéria de resistência – a ficção, aqui, é o que resta para não sucumbir ao absurdo dos dias. O tom irônico e fatalista dos versos finais permite, conquanto, vislumbrar ainda um traço de autonomia psíquica diante do colapso. A métrica livre e o uso deliberado de enjambements amplia a sensação de descontinuidade temporal e interna, marcando a exaustão como forma de existência.

3.CONCLUSÃO

A análise dos poemas de Maíra Ferreira evidencia como a lírica feminina contemporânea tem se consolidado como um espaço de resistência estética e subjetiva. Ao centrar sua poética nas experiências do corpo feminino, da dor psíquica e dos silenciamentos sociais, Ferreira articula um projeto literário que expõe as fissuras da linguagem diante do trauma e do apagamento histórico das vozes femininas. Cada poema examinado revela camadas de sentido em que o corpo, o silêncio e a memória se entrelaçam como formas de enunciação e enfrentamento do inominável.

Nesse contexto, a corporalidade não é apenas tema, mas método: o corpo aparece como lugar de inscrição simbólica da violência, do desejo, da resistência e da construção identitária. Os versos curtos, a fragmentação sintática e a alternância entre registros cotidianos, simbólicos e oníricos operam uma poética da descontinuidade e da quebra, que ressoa com as teorias psicanalíticas do trauma.

Diante disso, o gesto de Ferreira – e de tantas outras poetisas contemporâneas – assume uma dimensão política inescapável: ao narrar o indizível, inscrever-se na linguagem e desconstruir os paradigmas da fala hegemônica, essas vozes abrem frestas para novos modos de existir e significar. Assim, este trabalho reitera a importância da escuta atenta às produções poéticas femininas contemporâneas como forma de ampliar o repertório crítico dos estudos literários, promovendo uma abordagem que acolhe o sensível, o subjetivo e o dissidente como categorias válidas de leitura e reflexão.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar** – a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FERREIRA, Máira. 05 Poemas. **Revista Cassandra**, 30 dez. 2024. Disponível em: [5 poemas. Máira Ferreira | by cassandra | revistacassandra](#). Acesso em: 23 abr. 2025.

FREUD, Sigmund. **A General Introduction to Psychoanalysis**. SE 15 e 16. 1916-17.

FREUD, Sigmund. O Recalque. *In: Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. I

FULGENCIO, Leopoldo. A noção de trauma em Freud e Winnicott. **Natureza Humana - Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 255–270, 2024. DOI: 10.59539/2175-2834-v6n2-838. Disponível em: <https://revistas.dww.com.br:443/index.php/NH/article/view/838>. Acesso em: 1 maio 2025.

LIMA, Ariel Montes. O trauma e a modernidade na poesia feminina contemporânea. **Revista Mirada**. 03 maio 2024. Disponível em: [O trauma e a modernidade na poesia feminina contemporânea, ensaio de Ariel Montes Lima | Mirada](#). Acesso: 20 abr. 2025.

MARÇAL, Márcia Romero. O pensamento de Miguel de Unamuno sobre a Modernidade: europeização, urbanização e progresso. **Polifonia**, v. 27, n. 45, p. 10-32, 2020.

MCAUCHAR, Suzana. **Poesia, corpo e resistência**: a poética de Angélica Freitas E Jenyffer Nascimento. Mestrado em letras (2015-2022) Banco de Dissertações, v. 3, n. 5, 2017.

REVISTA CASSANDRA. **Apresentação**. 14 abr. 2021. Disponível em: [Apresentação. cassandra surgiu da ideia de reunir... | by cassandra | revistacassandra](#). Acesso: 08 abr. 2025.

WINNICOTT, Donald. *Psycho-Analytic Explorations*. Londres, Karnac Books, 1989. Trad. bras. José Octavio de Aguiar Abreu: **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.